

# A necessária unidade dos discípulos para a salvação para o mundo (Jo 20,1-25)

BERNARDO D'ALMEIDA\*

Depois do testemunho do retorno glorioso de Jesus ao Pai (cf. 18,1-19,47), o autor do quarto Evangelho conclui o seu testemunho com um primeiro epílogo (20,1-31), no qual o Senhor se manifesta na unidade dos seus discípulos. Este primeiro epílogo pertence a uma unidade literária, que se completa com o segundo epílogo, o capítulo 21, onde o Senhor se manifesta ao mundo na unidade dos seus discípulos à sua palavra.

## Jesus manifesta-se na unidade dos discípulos (20,1-31)

O capítulo 20 inicia-se no sepulcro, é atravessado pela oposição *ver* ou *não ver* o Senhor e termina na casa onde os discípulos se encontram, com a declaração de Jesus: «*Felizes os que não viram e acreditaram!*» (v.29)

Maria Madalena dirige-se ao sepulcro e, vendo a pedra do sepulcro removida, vai a correr ao encontro de Pedro e do discípulo amado (cf. vv.1-2). Os três vão a correr ao sepulcro, o discípulo amado vê, acredita e regressa com Pedro a casa (cf. vv.3-10). Maria, que tinha ficado junto ao sepulcro, vê o Senhor e é enviada por Jesus aos seus irmãos (cf. vv.11-18).

Os discípulos veem Jesus no meio deles (cf. vv.19-23), porém, Tomé, que não estava com eles, diz que sem ver não acredita (cf. vv.24-25). Depois, unido aos discípulos e vendo Jesus, Tomé confessa a fé no seu Senhor e no seu Deus

---

\* Faculdade de Teologia-Porto (UCP).

(cf. vv.26-29). O autor conclui o primeiro epílogo apresentando o objetivo do seu testemunho (cf. vv.30-31).

### Jesus manifesta-se na unidade dos discípulos (20,1-31)

20,1-2:	O sepulcro aberto
20,3-10:	O discípulo amado e Pedro
20,11-18:	Maria reconhece o Senhor
20,19-23:	Os discípulos reconhecem o Senhor no meio deles
20,24-25:	Tomé não acredita
20,26-29:	Meu Senhor e meu Deus
20,30-31:	Escrito para que tenhais a vida

### O sepulcro aberto (20,1-2)

Face ao evento anterior (cf. 19,38-42), a ação recomeça no mesmo *lugar* – o sepulcro (cf. 20,1) –, mas noutra *tempo*: na madrugada depois do grande Sábado (cf. Ex 20,8-11; Dt 5,12-15). O Sábado da Páscoa é importante no desenrolar da ação:

– Como era a Preparação, para que os corpos não permanecessem na cruz no **Sábado**, porque era de facto um dia solene aquele **Sábado**, os judeus pediram a Pilatos que lhes fossem quebradas as pernas e fossem dali retirados. (19,31; cf. 19,42)

– No primeiro dia da semana (20,1), depois do **Sábado solene**, COMEÇA A MANIFESTAÇÃO DO UNIGÊNITO NOS DISCÍPULOS conforme ele tinha dito.

Os Evangelhos sinópticos situam a ida de Maria na aurora da manhã (cf. Mt 28,1; Mc 16,2; Lc 24,1), o testemunho joanino antecipa-a para a madrugada (*prói*) ainda escuro (*skotia* – cf. 1,5; 6,17; 8,12; 12,35.46). Esta antecipação permite

ao autor começar a ação na *escuridão* para, a partir daí, iniciar a manifestação do Senhor nos discípulos, concluída a dois tempos: na tarde desse dia (cf. 20,19-23); e oito dias depois (cf. 20,26-29).

Assim, o ambiente anterior à manifestação do glorificado é marcado pela: **treva** – Maria Madalena caminha no escuro e não sabe onde colocaram o Senhor (cf. 9,1ss); **dispersão** – a mulher vai sozinha ao sepulcro (cf. 10,1ss); **morte** – ela vai à procura do cadáver no *sepulcro* (cf. 11,1ss).

O autor une o início da manifestação de Jesus ao evento da sua elevação, pois Maria Madalena era uma das quatro mulheres que estava junto à cruz (cf. 19,25). Diferentemente do que acontece nos Evangelhos sinópticos (cf. Mt 28,1-10; Mc 16,1-10; Lc 24,1-12), ninguém acompanha Maria Madalena na ida ao sepulcro.

Aquela mulher procura o corpo daquele a quem chama por quatro vezes de *Senhor* (*Kurios*): «*Levaram o Senhor do sepulcro.*» (v.2) «*Levaram o meu Senhor.*» (v.13) «*Senhor, se tu o levaste, diz-me onde o colocaste.*» (v.15) «*Vi o Senhor!*» (v.18).

Maria passará da ignorância ao entendimento, pois o Senhor abriu a porta da morte e está vivo. A partir do capítulo 20 e até ao final do testemunho, Maria e os discípulos chamarão sempre Jesus de *Senhor* (*Kurios* sete vezes no capítulo 20 e oito vezes no capítulo 21). De facto, o Senhor Jesus é o grande protagonista da ação de todo o testemunho joanino e, de um modo particular, destes últimos dois capítulos<sup>1</sup>.

Maria encontrou a pedra do sepulcro removida e, sem entrar no sepulcro, ainda na escuridão da noite (cf. 11,10), foi a correr dizer a Pedro e ao discípulo amado: «*Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde o colocaram.*» (v.2) Jesus tinha anunciado que subia ao Pai (cf. 14,2ss) e Maria quer saber onde estava o seu corpo (cf. vv.13.15).

Concluindo, nos versículos 1-2, o autor começa por colocar-nos diante do sepulcro aberto (três vezes o termo *sepulcro* nos vv.1-2 e nove vezes nos vv.1-11) para nos responder nos versículos seguintes à questão: onde está o Senhor? (cf. vv.13.15) Por esse motivo, o autor não refere que Maria levava aromas para ungir o corpo daquele que Maria de Betânia já tinha ungido com os seus próprios cabelos (cf. 12,1-11; Mc 16,1; Lc 24,1)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. 1,5; 6,17; 8,12; 12,35.46. A manifestação do Senhor glorificado começa com a situação de treva, de dispersão, de ignorância, de desorientação dos seus discípulos.

<sup>2</sup> Cf. U. SCHNELLE, *Das Evangelium nach Johannes*, Leipzig 2004<sup>3</sup>, 156ss.

### O discípulo amado e Pedro (20,3-10)

O amor encurta as distâncias atraindo aqueles que se amam. Parafraseando Fernando Pessoa, o caminho mais *curto* entre dois pontos é um passeio entre dois apaixonados. De facto, o discípulo amado vive completamente atraído pelo amor do glorificado, por isso, chega primeiro ao sepulcro, e, porque está sempre a guiar Pedro a Jesus, vai à frente do filho de João (cf. 1,41-42; 21,15-17)<sup>3</sup>.

Pedro, que seguia (*akolouthéo* – v.6; cf. 18,15; 21,19.22) o discípulo que Jesus amava, chegou também ao sepulcro. Porque o discípulo amado não entrou no sepulcro, Pedro foi o primeiro a entrar e a ver que o sepulcro estava vazio. O amor que atraía o amado distingue-se da treva que ainda dominava Pedro, que viu as ligaduras no chão e o sudário enrolado num lugar à parte (cf. vv.6-7).

A disposição das ligaduras e do sudário sugere que o corpo de Jesus foi libertado e não roubado. O discípulo amado também entrou no sepulcro. Este discípulo, o único que esteve na exaltação de Jesus, porque experimenta o seu amor, vê e acredita (cf. v.8). Desse modo, o autor revela-nos o âmago do capítulo 20, ou seja, o ver e o acreditar. Pedro viu, mas o autor não diz que tenha acreditado. Pelo contrário, o discípulo amado viu e, explicita-nos o versículo 8, acreditou.

Contudo, o discípulo amado, aquele que sempre acredita e que dá testemunho, recorda que os discípulos ainda não tinham entendido a Escritura, pois Jesus deveria ressuscitar dos mortos (cf. v.9; 5,39; 16,16). Entenderão a Escritura depois (cf. 20,19ss), por isso, os dois discípulos retornam a casa sem o entusiasmo e o anúncio das mulheres relatados pelos Evangelhos sinópticos (cf. v.10; Mt 28,8; Mc 16,8; Lc 24,9-11).

O discípulo amado inseriu Pedro no átrio onde negou Jesus e os discípulos (cf. 18,15), guiou-o ao sepulcro, e, em seguida, conduz Pedro ao lugar onde os discípulos acreditarão no Senhor<sup>4</sup>. De facto, aquele que Jesus amava continua a guiar Pedro a Jesus, por isso, como o autor destaca, *foram os dois juntos* (v.4) ao sepulcro e regressaram à casa onde estavam os discípulos (cf. vv.4.10).

<sup>3</sup> Só o que ama e é amado pode ver o amor e percorrer a distância que os separa até à perfeita unidade como se de uma corrida se tratasse. O amado viu e acreditou. Na realidade, ele era o único que estava na cruz, é o único a acreditar no sepulcro, é o único que sempre e sempre crê pois é no seio ou no lado de Jesus como manifestação da sua perfeita, vivificante, potente, unificadora, relação interpessoal com Jesus em Deus.

<sup>4</sup> Cf. B. BYRNE, «The Faith of the Beloved Disciple and the Community in John 20», *JSNT* 23 (1985) 83-97.

## **Maria reconhece o Senhor (20,11-18)**

Maria Madalena tinha ficado sozinha a chorar junto ao sepulcro (cf. v.11). Diversamente dos Evangelhos de Marcos e Lucas (cf. Mc 16,5; Lc 24,3), aquela mulher não entra no sepulcro, o que permitirá ao autor passar: **1)** do interior do sepulcro para o jardim; **2)** dos sinais da partida do Senhor para o seu encontro com aquela mulher.

### **O termo *mulher* no quarto Evangelho**

- «*Que há entre mim e ti, **mulher**? Ainda não chegou a minha hora.*» (2,4)
- «*Acredita em mim, **mulher**, vem uma hora em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai.*» (4,21) (o termo **mulher** designa por doze vezes a samaritana em 4,1-42)
- «***Mulher**, onde estão? Ninguém te condenou?*» (8,10) (o termo **mulher** surge mais três vezes neste episódio)
- «*A **mulher**, quando está para dar à luz, tem tristeza, porque chegou a sua hora; mas, quando dá à luz o filho, já não se lembra da sua aflição, pela alegria de ter nascido um homem no mundo.*» (16,21)
- *Junto à cruz de Jesus, estavam sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, **mulher** de Cleofas, e Maria Madalena. Jesus, então, vendo a mãe e junto o discípulo amado, disse à mãe: «**Mulher**, eis o teu filho!»* (19,25-26)
- *Perguntaram-lhe: «**Mulher**, porque choras?» Ela respondeu-lhes: «Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram... Jesus perguntou-lhe: «**Mulher**, porque choras? Quem procuras?»* (20,13-15)

Os anjos perguntaram a Maria Madalena: «*Mulher, porque choras?*» (v.13) Ela respondeu que tinham levado o seu Senhor e que ignorava onde estava<sup>5</sup>. A presença e as palavras dos anjos demonstram não haver motivos para chorar, pois indicam com precisão o lugar onde Jesus esteve colocado (cf. vv.11-13) e orientam para o essencial: o encontro com o Senhor (cf. vv.16-18).

De facto, o glorificado vem ao encontro de Maria Madalena e vem com a pergunta anterior dos anjos («*Porque choras?*» – v.15; cf. v.13) confirmando não

<sup>5</sup> Cf. Mt 28,5-6; P. SIMENEL, «Les 2 anges de Jean», *ETR* 67 (1992) 71-76.

haver razões para chorar. Diante dele e da sua palavra, Madalena não reconheceu Jesus, pensando que fosse o jardineiro.

O equívoco do jardineiro permite ao autor mostrar-nos que: **1)** Jesus não se manifesta como antes, pois não é reconhecido imediatamente; **2)** Maria ainda não tinha chegado à compreensão do glorificado, mas vai na direção certa (cf. 4,1ss); **3)** o Unigénito é o novo Adão (cf. Gn 2,5), o Filho do homem, que se passeia no jardim e vai chamar os irmãos a dar fruto (cf. 15,1ss); **4)** Jesus é o jardineiro e o esposo, que vem ao encontro da sua irmã e esposa para a todos encher de amor (cf. Ct 5,1)<sup>6</sup>.

Na segunda pergunta de Jesus («*Quem procuras?*» – cf. v.15), a mesma que fizera inicialmente aos discípulos de João (cf. 1,38; 19,9 – então os discípulos não responderam a Jesus, perguntaram pela sua morada), o glorificado deseja conduzir aquela mulher à autêntica morada, ao Pai, à sua unidade em Deus. Contudo, sem lhe responder nem o reconhecer, Maria insiste pela terceira vez que tinham levado o seu corpo.

Conhecendo o Bom Pastor cada um dos seus pelo nome e dando-lhes a sua vida para que sejam *um* como ele e o Pai são *um* (cf. 10,1ss), o glorificado chama Maria pelo nome. Ao escutá-lo, Maria voltou-se, reconheceu Jesus e chamou-o: «*Rabboni!*» (v.16)

Na primeira intervenção no Evangelho, os discípulos tinham chamado Jesus de *Mestre* (*rhabbí* – 1,38). Para destacar a importância daquela mulher ser discípula do Senhor, o autor recorda que *Rabboni* significa *Mestre*.

O termo grego *rhabboni*, que é composto por *rhabbí* (*mestre*) mais o sufixo *oní* (*o meu*), era utilizado pelas mulheres para chamar o seu marido e pelo judeus para designar um líder máximo religioso como o sumo sacerdote ou o responsável da sinagoga.

Maria encontra em Jesus glorificado o seu Senhor, o seu Esposo e o seu Mestre. No Filho que veio ao mundo chamar os irmãos ao Pai, é consumada a aliança entre Deus (esposo) e a humanidade (esposa): o céu abriu-se completamente à terra (cf. 1,51) e chamou a humanidade a permanecer no seu amor (cf. 2,1ss; 4,11s; 15,1ss)<sup>7</sup>.

A mulher tinha insistido em saber onde estava o seu Senhor. Quando o encontra e o abraça amorosamente, Jesus diz-lhe que não o detenha, pois havia um caminho a percorrer para a consumação do amor entre os dois, entre o Senhor e a mulher, entre o Rei dos judeus e a humanidade (v.17).

<sup>6</sup> Cf. A. TASCHL-ERBER, *Maria von Magdala*, Freiburg 2007, 187-196.

<sup>7</sup> Cf. B.F. BINIAMA, *Les missions des individus johanniques*, Bern 2004, 195ss.

**Ct 3,4**

*Mal me aparteí deles, logo encontrei aquele que o meu coração ama. Abracei-o e **não o largarei até fazê-lo entrar na casa de minha mãe**, no quarto daquela que me gerou.*

Na verdade, é injusto procurar Jesus entre os mortos ou tentar detê-lo. Segundo o quarto Evangelho, aquando do evento da cruz, o Filho foi elevado ao Pai (cf. 19,17-42) e, conforme prometeu, manifesta-se nos discípulos por meio do seu Espírito (cf. 14,2ss). Por isso, a subida ao céu no versículo 18 refere-se à ascensão ao Pai daqueles em quem o Filho se manifesta, ou seja, a consumação da unidade do mundo e Deus.

**O desejo de Jesus levar os discípulos à unidade**

- «Ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só Pastor.» (10,16)
- *Jesus estava para morrer pela nação. E não só pela nação, mas também para reunir na unidade os filhos de Deus dispersos.* (11,51-52)
- «Quando for elevado da terra, atrairei todos a mim.» (12,32)
- «Se compreendeis estas coisas, sois felizes se as fizerdes.» (13,17)
- «Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros.» (13,35)
- «Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros.» (15,17)
- «Eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade, e o mundo reconheça que tu me enviaste e que os amaste como a mim.» (17,23)

A vontade de Jesus é levar-nos à casa do Pai, nesse sentido, a elevação total do corpo do ressuscitado acontecerá quando todos os homens forem um como ele e o Pai (cf. 17,1ss). De modo que, Jesus envia Madalena aos discípulos chamando-os de irmãos (única vez que o Filho assim chama aos discípulos no testemunho joanino) e dizendo-lhes que o seu Pai é o Pai deles (cf. v.17)<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Cf. S.M. SCHNERIDERS, «The Raising of the New Temple: John 20.19-23 and Johannine Ecclesiology», *NTS* 52 (2006), 337-355.

Sem depender dos sinais do sepulcro nem já da sua ignorância mas do encontro com Jesus, Maria Madalena *foi e anunciou aos discípulos: «Vi o Senhor!», e o que ele lhe tinha dito.* (v.18) Jesus é o nosso Irmão, revelou-nos o seu Pai como o nosso Pai, e deseja levar-nos a todos à sua vida em Deus<sup>9</sup>.

Maria Madalena, chamada pelos anjos e por Jesus de *mulher* (cf. vv.13.18), assume a condição de *mulher e mãe* (cf. 2,1-12; 19,25-27), pois vive do seu amado Jesus e permite que outros o acolham ao anunciar a sua palavra. Como *a mulher e a mãe de Jesus* gerou o seu Filho para a consumação da sua hora (cf. 2,4; 19,17ss), assim Maria Madalena, a *mulher*, imagem da comunidade, é gerada pela palavra do Filho glorificado para a consumação da hora dos que vivem do Senhor.

#### Ct 5,1-5

(Ele) *Entrei no meu jardim, minha irmã e minha esposa,  
colhi a minha mirra e o meu bálsamo,  
do meu favo de mel,  
bebi o meu vinho e o meu leite.  
Comei, ó companheiros,  
bebei e embriagai-vos, ó bem amados!*

(Ela) *Eu dormia, mas de coração desperto.  
Chamam! É a voz do meu amado, batendo à porta:*

(Ele) *Abre, minha irmã e amiga, pomba incomparável!  
Tenho a cabeça coberta de orvalho,  
e os meus cabelos, das gotas da noite.*

### Os discípulos reconhecem o Senhor no meio deles (20,19-23)

Os eventos anteriores aconteceram **de madrugada** junto ao sepulcro (cf. vv.1ss). O presente acontecimento decorre **no final do mesmo dia** na casa onde estavam os discípulos (cf. v.19). O autor liga os eventos, pois o acreditar dos discípulos brota do encontro de Jesus com Maria Madalena (cf. vv.11-18).

<sup>9</sup> Cf. Gn 2,7; Ez 37,9.

Nem o discípulo amado, nem Pedro, nem Maria Madalena levaram os discípulos a acreditar. Os discípulos ainda viviam com o medo de serem excluídos e de morrerem (cf. 9,22; 12,10), por isso, tinham as portas fechadas (cf. v.19). Com efeito, o único poder capaz de levar os discípulos à fé seria o poder do glorificado neles (cf. 4,14; 7,38).

Jesus toma a iniciativa de ir ao encontro dos discípulos e *pôs-se no meio deles* (v.19). O verbo pôs-se (de pé) (*histémi* – v.19), que se repetirá no versículo 26, apresenta-nos Jesus de pé, pois venceu o leito da morte onde esteve deitado (cf. v.12). Está vivo no meio deles e reúne-os como irmãos, revelando-se no coração de cada um deles e manifestando-se no amor entre eles (cf. 15,9ss).

Tinha chamado Maria pelo nome (cf. v.16), em seguida, sem se referir ao nome dos presentes, nas primeiras palavras ditas aos discípulos, o glorificado identifica-se e identifica-os: «*Paz a vós!*» (vv.21.26)

A paz que o glorificado dá é o seu poder de amor no Pai como tinha prometido aos discípulos (cf. 14,23-27), pois venceu o mal (cf. 16,33), retorna ao Pai (cf. v.17) e permanece nos irmãos (cf. v.19). Nesse sentido, depois de mostrar aos discípulos as mãos e o peito (cf. 19,31-37), de onde brotam os frutos da sua glória, *Os discípulos alegraram-se, vendo o Senhor* (v.20). Efetivamente, as promessas cumprem-se, os discípulos passam:

Do não ver	ao ver;
Do não reconhecimento	ao reconhecimento;
Do medo	à paz;
Da tristeza	à alegria;
Da paralisia	ao envio na unidade;
Da ausência	à presença do Espírito;
Do pecado do mundo	ao perdão dos pecados.

É o início da hora daqueles que vivem do Senhor, aquele que tira o pecado do mundo (cf. 1,19ss). Diversamente dos Evangelhos sinópticos, onde Jesus envia os discípulos antes da sua morte (cf. Mt 10,5-15; Mc 6,7-13; Lc 9,1-6), no quarto Evangelho só agora os discípulos são enviados. Assim, os discípulos começam por ser enviados: **1)** em unidade ao Espírito onde reconhecem e manifestam o

glorificado no mundo (cf. 13,33-35); **2)** para a unidade dos Doze, confirmada na primeira ação *missionária* testemunhada nos versículos seguintes<sup>10</sup>.

### Tomé não acredita (20,24-25)

Original em relação aos Evangelhos sinópticos, Tomé assume de novo destaque no testemunho joanino (cf. 11,16; 14,5-7; 21,2). O autor introduz dois novos elementos na ação: **1)** Tomé não estava com eles; **2)** com o número doze refere-se à totalidade dos discípulos. Os Evangelhos sinópticos e os Atos dos Apóstolos, após a morte e ressurreição de Jesus, referem-se aos *onze* e não aos *Doze* (cf. Mt 28,16; Mc 16,14; Lc 24,9; At 1,16; 2,14).

De facto, depois da dispersão, da tristeza e do medo, o glorificado quer superar a ausência de um dos Doze da comunidade, a quem os discípulos dizem em coro: «*Vimos o Senhor!*» (v.25) Antes Maria tinha anunciado aos discípulos: «*Vi o Senhor!*» (v.18) Ou seja, o texto leva-nos da primeira pessoa do singular à primeira pessoa do plural, do eu ao nós.

O autor confirma que o testemunho autêntico integra a unidade de Jesus e a unidade dos seus discípulos e, por isso, estes começam por ser *enviados* a um dos Doze ainda disperso. Ao ouvi-los, Tomé diz-lhes: «*Se não vir nas suas mãos a marca dos pregos e não meter o meu dedo na marca dos pregos e não meter a minha mão no seu peito, não acreditarei.*» (v.25)

Tomé vivia para si, distante dos restantes discípulos e dependente duma revelação exclusiva e visível. Porém, através do seu querer (cf. v.25), o Dídimo confirma uma verdade: só vendo e tocando o glorificado é possível vê-lo e ser como ele. Apesar de o discípulo amado ter visto e acreditado, de Maria Madalena ter visto e anunciado o Senhor aos irmãos e de os discípulos o terem visto no meio deles e o terem anunciado, Tomé não acreditou.

Segundo o discípulo amado, para que a manifestação de Jesus nos discípulos seja completa não basta o amor entre o glorificado e cada um dos seus irmãos, não basta a sua presença no meio deles, não basta o envio do Espírito aos discípulos e o envio destes ao mundo, é necessário também que todos participem da glória do seu Senhor (cf. 17,1ss).

---

<sup>10</sup> Cf. 13,33-35; M.W.G. STIBBE, *John as Storyteller. Narrative Criticism and the Fourth Gospel*, Cambridge 1992, 32ss.

## Meu Senhor e meu Deus (20,26-29)

Oito dias depois (v.26), ou seja, passada uma semana, os discípulos estavam de novo em casa. O autor completa o testemunho da presença do Senhor nos discípulos num novo ciclo criador de sete dias (cf. Gn 1,1-2,4). A luz do mundo iluminou toda a humanidade; a hora cumpriu-se, chegou a plenitude do tempo (cf. 19,30).

O autor sublinha ainda que as portas estavam fechadas (cf. vv.19.26), mas não se refere ao medo dos discípulos para destacar que os discípulos: **1)** não são deste mundo, mas de Deus (cf. 20,28); **2)** não são enviados dispersos, mas na unidade, a qual manifestará o glorificado ao mundo (cf. 13,35; 21,1ss).

Jesus veio de novo e pôs-se no meio deles (v.26). O autor repete a construção do versículo 19, pois o glorificado vem continuamente até ao dia em que elevará todos os irmãos ao Pai (cf. v.17). Este sétimo dia da renovada criação, quando os discípulos celebravam a memória do amor de Deus por eles, projeta-nos para o dia em que os discípulos se reúnem perfeitamente na unidade do Filho e do Pai<sup>11</sup>.

Pela terceira vez Jesus declara aos discípulos: «Paz a vós!» (v.26; cf. 19.21), e diz ainda diretamente a Tomé: «*Mete o teu dedo aqui e vê as minhas mãos. Estende a tua mão e põe-na no meu peito.*» (v.27) Jesus retoma as palavras do versículo 25 para afirmar: «*Não sejas incrédulo, mas crente.*» (v.27), ou seja, para o levar à genuína atitude de crer em Deus (cf. 4,1ss).

Tomé confessa: «*Meu Senhor e Meu Deus!*» (v.28; cf. 1,49; 4,42; 6,69; 11,27; 16,30; 20,16). A sua confissão expressa a verdade da fé, pois do encontro com o glorificado brota em nós o fruto da sua ressurreição: o encontro com Deus. Não tinha acreditado na palavra dos discípulos, mas ao escutar, ao tocar e ao ver Jesus, Tomé acredita. As ações *escutar, tocar e ver* (cf. v.27) fazem parte da experiência única de *acreditar*, como testemunha o encontro vivificante de Tomé com o glorificado<sup>12</sup>.

Depois de ter convencido os discípulos a seguirem Jesus até à morte (cf. 11,16), tocado pelo fruto da glória de Jesus, Tomé desperta-os a serem de tal maneira do Filho que sejam, como ele, completamente de Deus. Do escuro, da

---

<sup>11</sup> Cf. A. MARCHADOUR, *Les personnages dans l'évangile de Jean miroir pour une christologie narrative*, Paris 2004, 112ss.

<sup>12</sup> Cf. M.J. HARRIS, *Jesus as God*, Grand Rapids 1992, 127-128.

dispersão, do medo, do egoísmo (cf. vv.1ss), os discípulos entendem que a sua vocação realiza-se quando atraídos ao seu Senhor e ao seu Deus<sup>13</sup>.

Jesus declara: «*Felizes os que não viram e acreditaram!*» (v.29) Na verdade, felizes são aqueles que acreditam não por tocarem fisicamente em Jesus nem por assistirem a sinais, mas por escutarem, tocarem e verem o Logos feito carne glorificado vindo, presente e anunciado nos seus discípulos<sup>14</sup>.

Nesse sentido, com a confissão de Tomé, a comunidade dos discípulos torna-se modelo de todos os crentes, pois aqueles discípulos foram chamados e chamam à perfeição na unidade de vida ao glorificado no Pai (cf. 17,1ss).

Esta segunda bem aventurança completa a primeira anunciada por Jesus na última ceia: «*Se compreendeis estas coisas, sois felizes se as fizerdes.*» (13,17) A felicidade verdadeira é acolher a Palavra feita carne glorificada e agir como ela.

O *ver* atinge toda a sua importância no Evangelho (cf. 9,1ss; 19,35), pois significa ser amorosamente atraído por aquele que fala, que vem e que é naqueles que são *um* em Jesus e nos seus discípulos (cf. 15,1ss). Assim, depois de ter aberto a porta do sepulcro (cf. 20,1), o glorificado *abriu* as portas da casa onde os discípulos se encontravam para os enviar no mundo, como o Pai o enviou, para que, assim, o mundo viva de Deus (cf. 17,1ss; 21,1ss).

### Escrito para que tenhais a vida (20,30-31)

O discípulo amado conclui dizendo que Jesus realizou muitos outros sinais na presença dos discípulos, que não estão escritos neste livro, e que aqueles sinais foram escritos *para que acrediteis que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida em seu nome* (v.31)<sup>15</sup>. Desse modo, o discípulo amado explicita a meta do testemunho: para que tenhamos a vida de Deus dada por Jesus. Na realidade, o objetivo joanino concretiza-se na medida em que acolhemos a palavra do glorificado: 1) plenamente: como o

<sup>13</sup> Cf. 1,49; 4,42; 6,69; 11,27; 16,30; 20,16. Tomé confirma a maturidade da fé. No encontro com o glorificado brota a verdade da sua ressurreição encontrando Deus. Cf. W.H. GLOER, «Come and See», in R.B. SLOAN – M.A. PARSONS, ed., *Perspectives of John*, Lewiston 1993, 269-301.

<sup>14</sup> Cf. 15,1ss. A bem-aventurança refere-se aos que após a morte e ressurreição de Jesus, o viram não morto, não propriamente nas suas aparições, mas glorificado nos seus, que são modelo de todos os crentes, chamados à perfeição na unidade ao glorificado no pai. Maria recebeu o mandato de anunciar aos irmãos que viu o Senhor, os discípulos anunciaram que o viram, Tomé confessa-o vitalmente. Cf. A. MORENO GARCÍA, «Manos», «Manos y dedos: hacia la comprensión de los merismos en la perícopa tomasiana de Jn 20,19-31», *EstBib* 60 (2002) 523-542.

<sup>15</sup> Cf. J. BEUTLER, «Faith and Confession: The Purpose of John», in J. PAINTER – R.A. CULPEPPER – F.F. SEGOVIA, ed., *Word, Theology, and Community in John*, ed., Fs. R. Kysar, St. Louis 2002, 29-30.

cego de nascença (cf. 9,1ss); 2) positivamente: como os samaritanos (cf. 4,42); 3) parcialmente: como o paralítico (cf. 5,1ss); 4) curiosamente: como alguns da Galileia (cf. 4,48; 6,22-26); 5) temerosamente: como os pais do cego (cf. 9,22); 6) indiferentemente: como alguns judeus (cf. 6,60ss); 7) opostamente: como o sinédrio (cf. 11,45ss).

A vontade de Jesus é que os discípulos sejam na sua compreensão, unidade e vida em Deus (cf. 20,31). Nesse sentido, o discípulo amado procura, ao longo de todo o seu testemunho, o encontro do desejo do Unigénito de dar a sua vida e o desejo que todos a desejem como sua.